Medicina e arte – uma ressonância

Walter Osswald*

A Medicina como ciência e arte – eis uma noção clássica, repetida vezes sem conta a estudantes e profissionais, e que vai tendo cada vez menos curso. De facto, nos últimos decénios os ventos transatlânticos têm-se esforçado por varrer este pretenso nevoeiro conceptual, esta alegada promiscuidade entre duas actividades da cultura categorialmente diferentes, para erguerem uma noção pura e dura: a Medicina é biologia, logo uma ciência e não há que desvirtuá-la, embrechando-lhe manchas de uma área que lhe é alheia, a da arte. Foi-se até tão longe como levantar a imagem de uma medicina puramente técnica, a famigerada tecnomedicina, termo híbrido greco-romano (o que em si mesmo é reprovável para os linguistas) que acaba por, com interna ironia, contradizer os que o propõem, já que a raiz grega significava, originariamente, precisamente aquilo que se pretende excluir, ou seja a arte.

Menos radicais, mas igualmente opositores de uma participação da arte na profissão médica, os actuais próceres do pensamento em saúde

argumentam com as dissemelhanças aparentes. Assim, a obra de arte é por sua natureza irrepitível, única, individual, subjectiva. Ora, tudo isto parece alheio à prática da medicina, que se deseja objectiva, baseada em noções de validade geral (de que são exemplo os famosos protocolos para tratamento de situações mórbidas), apta a ser verificada nas suas intervenções e repetitiva em cada momento do estado da "arte" (outra incoerência manifesta de quem nega a intromissão da arte na ciência médica). Os seus avanços devem-se à investigação científica, cujos resultados devem ser objectiváveis, mensuráveis, sujeitos a comparação e a confirmação por terceiros. Mesmo no domínio inspirador de dúvida sistemática, qual seja o dos processos psíquicos, se empreenderam ingentes esforços para objectivar o subjectivo, para medir o que não tem dimensão, para pesar o imaterial: aí estão as famosas balanças (ou escalas, como uma apressada e incorrecta transposição para a nossa língua tornou usual) da depressão ou da ansiedade, a avaliação analógica da dor, a pontuação da qualidade de vida. Tudo com o confessado, ingenuamente confessado, intuito de conceder a solidez dos números às incertas grandezas com que lidamos.

Na arte, pelo contrário, é o impacte emocional, a *percussio* dos clássicos

* Professor aposentado da Faculdade de Medicina do Porto. Presidente do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa (Porto).

quem decide sobre o valor estético da obra, como tão bem faz notar Hans Schadewaldt. A história da arte, o estudo das técnicas, a análise dos estilos, a hermenêutica sociológica, a tradução psicanalítica ajudam, iluminam, balizam – mas o encontro da obra de arte com quem a experimenta sempre escapará à quantificação, mensuração e definição.

A palavra "encontro" pode servir-nos talvez de ponte que abarque as duas grandezas de que nos ocupamos neste singela reflexão. Todos sabemos que na Medicina existe igualmente um encontro, o do médico com o doente, aquele diálogo singular que o romancista (e médico) Georges Duhamel tão subtilmente descreveu e que outros definiram como o encontro entre uma confiança e uma competência, numa visão que a ética médica hodierna classifica de paternalista. Seja como for, ninguém põe em dúvida que a relação médico-doente existe e que é essencial ao acto de escutar, compreender, diagnosticar, tratar.

E neste encontro de duas pessoas, uma que se sente e declara doente e por isso procura ajuda, e outra que tem conhecimentos e capacidades para lhe prestar assistência, há muito de individual, subjectivo, emocional. Ninguém duvida que este encontro é único e irrepetível, já que as circunstâncias em que ele ocorre se não repetirão exactamente: a febre, a dor, a angústia, a inquietação quanto ao prognóstico são próprias daquele dia e daquela hora. O consabido aforismo gassetiano (eu sou eu e a minha circunstância) aplica-se aqui inteiramen-

te: eu, doente, com as minhas circunstâncias de hoje; eu, médico, com os conhecimentos, o humor, a disponibilidade que tenho hoje. Como medir e objectivar a confiança que o doente deposita no médico, ou a empatia que este oferece ao outro? Como aferir o papel terapêutico da personalidade do médico, já que, como Balint insistentemente nos lembra, o medicamento mais vezes prescrito é o próprio médico?

O já citado Hans Schadewaldt, filósofo e historiador da medicina, acrescenta com lúcida originalidade uma outra faceta a esta relação da arte com a medicina. A evolução desta, dos primórdios até aos nossos dias, tem sido contada por médicos e académicos, mas o ângulo de visão do doente não tem sido, na prática, tomado em consideração. É aqui que intervêm os artistas, os escritores e sobretudo os pintores e escultores que documentam, dramatizam ou satirizam a relação médico-doente, oferecendo-nos assim uma versão, não enviezada nem inquinada de corporativismo, da medicina praticada na época, aquilo a que poderíamos chamar a representação artística da arte da medicina.

Jaime Milheiro, psiquiatra e psicanalista, nada nas mesmas águas; exercício de natação cansativo, por ser contra a corrente, mas por isso mesmo revigorante. A sua reflexão parte de uma fina análise da realidade interna e da realidade externa, da liberdade, dos sonhos e das fantasias, para desembocar na curiosidade e na investigacionalidade como raízes

mais grossas e ancorantes da arte e da medicina. A Medicina, argumenta, não se limita apenas a ter uma componente de Arte; é antes uma irmã desta, por ambas terem a mesma origem. É por isso que "Enquanto toda a medicina tecnológica clama pelo retrato, esta inquietação (humanização) clama por algo mais sensível. Algo que se poderá realizar apenas parcialmente, ainda como na Arte. Algo que se cruza nas realidades externa e interna do doente, que recusa unicidade e exclusividade, que se situa na fantasia pessoal, no desejo, no sonho". Para tirar a ilação de que "O acto terapêutico é uma confortável alegria esteticamente ressentida nos dois. Será um entendimento, mesmo quando palavras não há, mesmo quando solução não se vê".

Os caminhos trilhados por Jaime

Milheiro são originais e feitos pelo seu caminhar; nem todos o acompanharão nas suas deambulações pelos terrenos do sonho, da satisfação, da própria morte. Mas valerá sempre a pena seguir o seu pensamento, ler a sua prosa simultaneamente coloquial e literariamente elaborada e sentar-se com ele *sub tegmine fagi*, para largamente discorrer e discutir a sua interpretação da Medicina como (e com a) Arte. Se esta é, como o afirmou Gerhart Hauptmann, "a mais antiga língua sagrada da humanidade", a medicina serve-se dessa língua para assegurar o entendimento entre o rosto sofredor e o rosto curador. Na medicina, na arte, continua a ter validade o aforismo que Goethe faz escrever a Otilia nas "Afinidades electivas": o estudo mais apropriado para a humanidade é o do próprio Homem.